

Reunião por teleconferência do Gemini Science Committee

Data: 4 de Junho de 2007

Pauta:

- o Introdução
- o GNIRS e seu uso futuro
 - O status do GNIRS e da operação no Gemini South
- o Relatório para PPARC e AURA sobre o uso futuro do MICHELLE
- o Revisão dos termos de funcionamento do GSC
- o Outros assuntos

A Introdução foi curta, basicamente limitando-se a listar os itens da pauta.

GNIRS: foi informado que o sítio web do Gemini mantém informações atualizadas sobre o status do instrumento.

O assunto mais importante foi a discussão sobre onde serão feitos os reparos do GNIRS e onde ele será instalado após os mesmos. A direção relatou que a carga sobre engenheiros instrumentistas no Gemini Sul está muito alta, como o comissionamento do GSAOI, Flamingos-2 e MCAO. Além disso, a infra-estrutura no Gemini Norte está mais bem preparada, de forma que seria conveniente levar GNIRS para Hilo. Neste caso, a Direção buscou posicionamento do GSC sobre a possibilidade do instrumento, uma vez consertado, ser instalado no Gemini Norte ao invés de regressar ao Sul.

Houve bastante discussão. As vantagens seriam a de se evitar o risco e os custos de transporte de volta ao Chile, além de proporcionar um instrumento de espectroscopia, inclusive com dispersão cruzada e IFU, em Mauna Kea, cobrindo comprimentos de onda maiores do que 2.4micra. Notem que tanto NIFS quanto NIRI estão limitados a comprimentos menores do que 2.4micra, sendo que NIRI não oferece dispersão cruzada e nem atinge poder de resolução tão alto quanto GNIRS.

Como desvantagens estão: a) a perda do modo IFU no infra-vermelho próximo (NIR) no Gemini Sul; b) a perda de qualquer modo espectroscópico no domínio 2.4um e 5.5um (exceto por Phoenix, que é instrumento visitante e somente de alta resolução); c) a perspectiva de ficar apenas Flamingos-2, que ainda está sendo comissionado, para espectroscopia no NIR.

Dentro da argumentação que se seguiu houve várias participações. Este representante enfatizou a perda do IFU e do domínio 2.4-5.5, além do fato de que as Nuvens de Magalhães e o bojo são objetos mais adequados (ou exclusivo) do Gemini Sul. Alguns mencionaram que o domínio de 2.4-5.5 é mais adequado para Mauna Kea, por ser este melhor sítio para este domínio; argumentaram também levar o GNIRS para o Norte ajudaria a corrigir um desequilíbrio instrumental, já que o Gemini Sul terá forte demanda por Flamingos-2/MCAO e GSAOI/MCAO quando estiverem em funcionamento, sem falar de NICI e TReCS.

Chamado a se manifestar, um dos instrumentistas do Chile confirmou a grande carga de tempo que Flamingos-2 e, principalmente, MCAO estão a demandar e irão demandar ainda, de forma que a opção de consertar GNIRS no Chile provavelmente geraria atrasos nestes comissionamentos.

Não havendo consenso, foi feita uma votação para servir como referência ao coordenador do GSC na hora de fazer suas recomendações por escrito, tendo este o compromisso de deixar clara a inexistência de

consenso e de explicitar as diferentes opiniões/recomendações levantadas. Dos membros do GSC presentes 6 votaram pelo reparo e transferência definitiva do GNIRS para o norte e 2 votaram pela sua manutenção no sul, ainda que com reparo feito no norte. Este representante esteve com a minoria.

Quanto ao Michelle, foi apresentado um relatório, encomendado por PPARC e AURA, sobre manter ou não o acordo de ter este instrumento no Gemini Norte (ele originalmente deveria ficar no UKIRT). Este item foi basicamente informativo, tendo alguns aspectos do relatório sido debatidos, em especial quanto às recomendações sobre melhorias a serem feitas no instrumento (introdução de modo espectro-polarimétrico, aumento da região de chop throw para até 30 arcsec, disponibilização de guiagem para ambos os feixes do instrumento).

Finalmente, foi apresentada uma versão, provavelmente final, do documento que estabelece os novos termos de constituição e funcionamento do próprio GSC. Os novos termos dão ao GSC um caráter dual, ora funcionando como um órgão de aconselhamento estratégico sobre a ciência (e a instrumentação para ela necessária) a ser feita com os Gemini, ora funcionando como um comitê de usuários, preocupado com questões mais ligadas à rotina de uso dos telescópios e dos seus dados. De importante para o Brasil é a garantia de que haverá, no mínimo, um membro de cada país parceiro, e de que os membros do GSC são escolhidos pelo Diretor, em consulta com o coordenador do SOC, após levantamento feito junto às agências nacionais do consórcio. Perguntei sobre que parâmetros norteariam a escolha dos membros pelo diretor, ao que me foi respondido que o objetivo é cobrir um amplo domínio de competências científicas, também levando em conta as demandas por assessoramento trazidas pelos atuais e futuros instrumentos.

No item assuntos gerais, nada veio a ser discutido, tendo a telecon sido então finalizada após uma hora de discussões.